

Mães e bebês sem atendimento

FABIOLA GÓIS

DA EQUIPE DO CORREIO

Estão fechados o berçário e a maternidade do Hospital Universitário de Brasília (HUB). Mães e bebês tiveram de ser encaminhados para unidades da rede pública de saúde do Distrito Federal porque faltam pediatras para atender as crianças. E, como no momento do parto é preciso ter o profissional, a obstetrícia também não mais atende as mulheres grávidas que recorrem ao HUB para ter os filhos. A falta de médicos, porém, afeta ainda mais os estudantes. Mais de 120 alunos que fazem estágio no berçário não têm como dar continuidade aos estudos e correm o risco de atrasar a formatura.

O berçário do HUB conta com 30 leitos, nas Unidades de Terapia Intensiva (UTIs) Neonatal e de Médio Risco e no alojamento conjunto. São realizados, em média, dois partos por dia na maternidade do hospital. Mas as parturientes deixaram de ser atendidas na unidade no último fim de semana. As que chegaram à emergência da maternidade foram encaminhadas para hospitais da rede pública do DF, principalmente para o Hospital Regional da Asa Sul (Hras). O berçário está com as portas fechadas desde ontem. As duas únicas crianças que ainda estão no local deverão ser levadas ainda hoje para o Hras.

A diretora do HUB, Tânia Tor-

Anderson Schneider/CB - 20/10/99



A UTI NEONATAL FOI UM DOS SETORES ATINGIDOS PELA CRISE NO HUB, QUE TAMBÉM PREJUDICA ESTUDANTES

res Rosa, afirma que a situação é pontual. “O HUB não vai parar. Não está sendo possível manter a UTI Neonatal e o berçário porque não temos profissionais para isso. Eles querem salário que o HUB não tem como pagar”, argumenta. A médica recorreu à Universidade de Brasília (UnB) para pedir uma complementação nos salários, mas soube que, por enquanto, não será possível fazer isso. Não há prazo para que o problema seja resolvido. “O mais grave é o prejuízo no ensino. Alunos iriam começar

aulas hoje (ontem). Depois terão de repor o que perderam”, afirma a diretora.

Crise nacional

A falta de médicos no HUB não é um problema isolado de Brasília. A crise afeta todos os hospitais universitários do país: passa pelos baixos salários oferecidos aos médicos e pelas dívidas crescentes. As unidades têm dificuldades para pagar fornecedores, contas de luz e até comprar equipamentos. O débito do HUB é de R\$ 30 milhões. São dívidas acumuladas

nos últimos anos com fornecedores, medicamentos, impostos e contas de luz, entre outras. O hospital da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), por exemplo, deve R\$ 100 milhões.

O vice-reitor da UnB, Edgard Mamiya, confirma que a dificuldade financeira é geral. “Os recursos são insuficientes. Não há política específica do Ministério da Saúde para os hospitais universitários. Há repasse apenas do Ministério da Educação e do Sistema Único de Saúde, mas não são suficientes. E a UnB não tem

como arcar com esses custos”, afirma. Segundo Mamiya, não há prazo para o retorno das atividades do berçário e da maternidade do HUB. O *Correio* procurou o Ministério da Educação para comentar o problema, mas não obteve retorno.

Faltam profissionais

A Universidade de Brasília (UnB) também sofre com a falta de professores em várias áreas. Alguns cursos chegam a funcionar sem possuir o quadro completo. Em relação ao corpo técnico — pessoal que trabalha nas secretarias dos departamentos, no HUB e nos laboratórios da instituição —, a situação é ainda pior. Pelo menos mil funcionários precisam ser contratados para que as rotinas da universidade não sejam prejudicadas. A falta de profissionais de carreira aumenta os problemas nas salas de aula. Os professores estão sobrecarregados.

O aluno do 11º semestre de medicina Alberto Mendonça teme pela falta de qualidade na formação acadêmica. “É isso o que está em jogo. Hoje (ontem) não tivemos aula. E não sabemos quando poderemos concluir o estágio, obrigatório para a conclusão do curso”, reclama. Segundo Mendonça, desde dezembro do ano passado a situação está crítica. Em janeiro, havia oito pediatras. Agora, só cinco atendem. Dois estão de licença médica e outro pediu demissão porque o salário é insatisfatório.